

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS  
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PARINTINS  
NÚCLEO DE ENSINO SUPERIOR DE NOVO ARIPUANÃ  
LICENCIATURA EM HISTÓRIA MEDIADO POR TECNOLOGIA**

**LAIZE DO NASCIMENTO CARDOSO**

**O PAPEL E POSTURA DAS MULHERES EVANGÉLICAS EM NOVO  
ARIPUANÃ: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA EM PESQUISA HISTÓRICA**

Novo Aripuanã  
2024



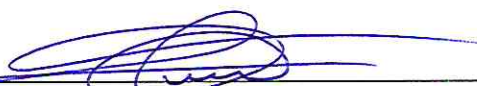
LAIZE DO NASCIMENTO CARDOSO


**O PAPEL E POSTURA DAS MULHERES EVANGÉLICAS EM NOVO ARIPUANÃ**  
um relato de experiência Histórica


Trabalho final, apresentado a Universidade do Estado do Amazonas - UEA, Centro de Estudos Superiores de Parintins - CESP, defendido no Núcleo de Ensino Superior de Novo Aripuanã – NESNAP, como parte das exigências para a obtenção do título de Licenciado (a) em História, sob a orientação do professor Me. André Luiz Passos Araújo.

Novo Aripuanã, 29 de novembro de 2024.

BANCA EXAMINADORA

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Me. André Luiz Passos Araújo  
Professor Orientador

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Me. Sebastião Janderson Torres da Silva  
Membro

  
\_\_\_\_\_  
Profa. Esp. Patrícia Santos dos Santos  
Membro

**O PAPEL E POSTURA DAS MULHERES EVANGÉLICAS EM NOVO ARIPUANÃ  
UM RELATO DE EXPERIÊNCIA EM PESQUISA HISTÓRICA**

*Laize do Nascimento Cardoso<sup>1</sup>  
André Luiz Passos de Araújo<sup>2</sup>*

**RESUMO:** As mulheres evangélicas desempenham um papel fundamental na história das comunidades, e sua trajetória é marcada por lutas e conquistas significativas. Tradicionalmente, as congregações eram dominadas por uma visão patriarcal, onde os homens ocupavam a maioria dos papéis de liderança. No entanto, ao longo dos anos, muitas mulheres começaram a desafiar essas normas e a reivindicar seus direitos dentro da igreja. Nesse sentido, esse relato de experiência, no formato pesquisa histórica sobre o município, tem como objetivo demonstrar, a trajetória dessa atividade comum à formação dos historiadores fazendo uma análise da posição e atuação das mulheres dentro do contexto evangélico, explorando possíveis restrições ou limitações imposta a elas em suas práticas religiosas. Para alcançar os objetivos do estudo, utilizou-se do método da História Oral a partir do registro da narrativa de quatro depoentes femininas de diferentes congregações evangélicas. Os resultados apontam, não apenas uma significativa conquista de espaço feminino dentro das igrejas, mas também a pavimentação de um caminho mais participativo para as mulheres das futuras gerações, mostrando que a luta pela igualdade de gênero é uma tarefa necessária e independente do dogma religioso.

**Palavras-chave:** Mulheres evangélicas. Estereótipos. Papel de liderança. Igualdade de gênero.

### **1. Introdução**

O tema papel e postura das mulheres evangélicas abrange analisar diversas experiências, desafios e contribuições que essas mulheres desempenham dentro de suas comunidades. Essa pesquisa permite entender como elas equilibram as suas crenças religiosas com as expectativas sociais e culturais, e como elas moldam suas identidades dentro da fé evangélica.

Um dos principais objetivos desse artigo é identificar os desafios e conquistas que as mulheres obtiveram ao longo tempo, visando promover uma reflexão sobre sua importância na história da igreja e da sociedade, analisando a postura adotada por elas em relação as questões de possíveis restrições dentro do âmbito religioso. Essa pesquisa é importante pois permite uma compreensão mais profunda das dinâmicas de gênero dentro das igrejas, destacando vozes e experiências femininas, contribuindo para a valorização da história das mulheres.

---

<sup>1</sup> Graduanda do curso de Licenciatura em História, Núcleo de Ensino Superior de Novo Aripuanã – NESNAP, Universidade do Estado do Amazonas – UEA. E-mail: cardosolaize25@gmail.com

<sup>2</sup> Professor Assistente do Curso de Licenciatura em História do Núcleo de Ensino Superior de Novo Aripuanã – NESNAP, Universidade do Estado do Amazonas – UEA. Mestre em História Social pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Amazonas – PPGH/UFAM. E-mail: luizpassos\_am@yahoo.com.br

O método da história oral foi utilizado para coletar os relatos, captando a subjetividade e vivência pessoal, proporcionando uma compreensão rica e detalhada das trajetórias de cada uma delas pertencentes ao contexto do objeto. Para relatar o processo de reflexão desse relato de experiência, o texto está dividido em títulos e subtítulos, os quais: Uma breve localização da mulher no tempo e no espaço, que aborda a mulher em contexto geral e no espaço religioso; Atuação feminina na igreja aripuanense, descrevendo seus papéis e contribuições que desempenham dentro de suas denominações; Modos de vida das mulheres evangélicas vai retratar a maneira como elas escolhem levar o seu cotidiano sem desviar de suas doutrinas; Saúde da mulher cristã evangélica: cuidados do corpo, da alma em harmonia com a fé, destaca as dificuldades que enfrentaram para cuidar de sua saúde íntima ; Estética e estereótipos da mulher evangélica, aborda a relação entre as representações visuais e os preconceitos por elas enfrentados.

Assim, a importância dessa conquista vai além das paredes da igreja, quando as mulheres ocupam papéis de liderança, elas promovem uma visão mais inclusiva e representativa da fé, permitindo que diversas experiências e perspectivas sejam ouvidas. Isso não só enriquece a vida da igreja, mas também serve como um exemplo poderoso de como a igualdade de gênero pode ser alcançada em diferentes esferas da sociedade.

## **2. Procedimentos metodológicos**

Para a realização da pesquisa relatada neste trabalho foi utilizado como método a história oral, que é uma ferramenta poderosa para compreender e analisar experiências. Esse procedimento foi de extrema importância, pois permitiu que as vozes e narrativas das mulheres evangélicas fossem ouvidas de maneira autêntica e pessoal. Esse método envolve a coleta de depoimentos, relatos e memórias de indivíduos, o que proporciona uma perspectiva rica e multifacetada das comunidades evangélicas. Após a coleta das informações, as entrevistas foram transcritas, convertendo o material gravado em texto escrito, o que resultou em fontes prontas para análise. Portelli (1997, p.26), afirma que a transcrição é uma etapa crucial para transformar a oralidade em uma fonte documental. Na perspectiva de Meihy, a

entrevista em história oral é a manifestação do que se convencionou chamar de documentação oral, ou seja, suporte material derivado de linguagem verbal expressa para esse fim. A documentação oral quando apreendida por meio de gravações eletrônicas feitas com o propósito de registro torna-se fonte oral. A história oral é uma parte do conjunto de fontes orais e sua manifestação mais conhecida é a entrevista. (Meihy, 2015, p.14)

As memórias coletivas e individuais de cada uma delas contribuiu de forma significativa para escrever essa pesquisa, revelando como tradições, ensinamentos e experiências pessoais influenciam nas suas posturas e papéis. Segundo Pollak (1992), a memória coletiva é essencial para a construção da identidade cultural, permitindo que as comunidades celebrem suas histórias e tradições de maneira conjunta. Por meio da rememoração, elas podem recontar histórias de desafios e conquistas, destacando como a religião se entrelaça com suas vidas cotidianas.

Assim, para compor a conjunto dos relatos que deram base para a construção do texto apresenta-se as depoentes que as seguintes: Fabíola Duarte, Ruthe Cabral, Izabel Passos, e Dayane Freitas através das quais foi possível produzir o presente artigo. Cada uma delas traz uma rica experiência de fé e um compromisso exemplar com suas respectivas comunidades religiosas. Fabíola Duarte é uma pastora da igreja Assembleia de Deus, cuja liderança e orientação espiritual têm impactado positivamente a vida de muitos em sua congregação; Ruthe Cabral, que também faz parte da igreja Assembleia de Deus, é uma diaconisa e líder de louvor, comprometida em elevar a adoração dentro da igreja; Izabel Passos, membro da Congregação Cristã do Brasil, é líder de cozinha, e com sua dedicação conduz mulheres na hora de realizar as refeições que são feitas na igreja; finalmente, Dayane Freitas, uma testemunha de Jeová, que se empenha em compartilhar sua fé e os ensinamentos que a guiam através de suas visitas diárias em residências e espaços públicos.

Foi a partir desses pressupostos metodológicos que este trabalho foi conduzido e construiu sua relevância para compreensão do cenário atual a partir de uma perspectiva da mudança histórica dentro das instituições religiosas evangélicas, compreendendo que história é movimento.

### **3. Uma breve localização da mulher no tempo e no espaço**

A temática do papel da mulher na sociedade é de suma importância e complexidade, gerando diversas discussões sobre seu progresso histórico, cultural e social. Ao longo do tempo as mulheres tem desempenhado papéis muitos importantes em diversas esferas, desde a família ao mercado de trabalho. Mas essa contribuição foi muitas vezes invisibilizada ou minimizada. Esse fenômeno de exclusão e banalização é uma realidade histórica que permeou ao longo dos séculos resultando em desigualdades de gêneros que persistem até os dias de hoje.

O longo período de invisibilidade feminina e as formas mais atuais assumidas pela história das mulheres informam muito sobre o seu lugar na disciplina histórica. [...] decorrido 10 anos, ocorreram mudanças importantes na forma de identificar e analisar os objetos históricos. No interior deste amplo movimento sobre o qual poucas reflexões foram desenvolvidas, a história das mulheres oscilou entre os sistemas muito variados de exclusão, de tolerância de banalização, esse último tema da maior importância no momento. Coloca-los em evidência responde a um duplo objetivo: o de permanecer crítico com respeito às formulações próprias à história das mulheres; o de questionar, por outro lado, a necessária relação sobre esse campo de estudos e o conjunto da pesquisa histórica [...] mas a história não é somente produção de saber, é também a produção de perguntas. (Perrot, 2000, p. 01)

Dentro da esfera religiosa o papel da mulher também pode ser complexo e varia amplamente entre diferentes tradições e culturas. Ao realizar essa pesquisa foi necessário ouvir mulheres de diferentes denominações com o objetivo de compreender o papel que cada uma delas desempenha dentro de suas respectivas doutrinas, durante as conversas, ficou evidente que, apesar de semelhanças nas fundamentais nas crenças, cada denominação apresenta suas particularidades que influenciam na participação da mulher nas comunidades religiosas. As participantes também evidenciaram a sua profunda satisfação em poder contribuir na obra, deixando claro que independente do papel que elas desempenharem, sejam eles de destaque ou secundários, irão se sentir realizadas, pois para elas o importante é servir a Deus em qualquer que seja a sua função.

#### **4. Atuação feminina na igreja aripuanense**

Nos anos de 1990 o papel das mulheres evangélicas da igreja Assembleia de Deus era bastante produtivo, assim como nos dias atuais. Com a sua sabedoria e sensibilidade, elas trazem perspectivas únicas para os diversos ministérios nos quais elas fazem parte. Seja no ensino como professoras da escola dominical, pregadoras em cultos ou nas ruas, na adoração, na liderança, no cuidado pastoral, ou em serviços sociais, as mulheres têm muito a oferecer e são peças-chave na realização da missão da igreja.

Então, nos anos 90, já tinha meus 20 anos. E, durante esse tempo, o papel da mulher na igreja já era bem atuante, nos anos 90 [...] eu era líder de adolescentes, depois fui passar a ser líder de jovens. Nós tínhamos um espaço bom para fazer a obra do Senhor. Tipo assim, como líder, né? Como professora de escola dominical, líder de jovens. Já tinha as diaconisas, né? Que trabalhavam na casa do Senhor. Tinha as irmãs do círculo de oração e

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS  
LICENCIATURA EM HISTÓRIA MEDIADO POR TECNOLOGIA

várias pessoas [...] Então, era muito atuante já, nos anos 90. (Entrevista com a Sra. Fabíola Duarte)

O termo “diaconisa” citado pela depoente Fabíola, trata-se de uma senhora que ocupa o papel de liderança no serviço dentro da igreja, apoiando o ministério pastoral, ajudando na organização de eventos e também servindo a santa ceia nos cultos. A líder de adolescentes, por sua vez, é responsável pela orientação dos jovens da igreja, planejando atividades e estudos bíblicos para que os adolescentes se sintam acolhidos para desenvolver sua fé. Já as irmãs do círculo de oração, também citado pela senhora Fabíola, se refere a um grupo de mulheres que se reúnem com o intuito de interceder em oração por suas famílias, igreja e comunidade. Em resumo, cada um desses papéis – diaconisa, líder de adolescentes e irmãs do círculo de oração – contribui para a edificação da igreja e o fortalecimento da fé dos membros, promovendo uma comunidade mais unida e ativa no serviço a Deus e ao próximo.

Todas as mulheres, estudantes, irmãs que já são batizadas [...]. Elas participam como ministra no ministério [...]. E Jesus, ele deu a ordem pra que todas as pessoas pregassem as boas novas. Até tem um texto de Salmos que Jeová, ele fala que as mulheres é um grande exército. Então elas participam bem ativa nesse ministério de pregação. Que é de ajudar as pessoas a entender a bíblia. Esse é o trabalho que a gente faz de pregação. Então tanto ir, como vocês veem a gente indo de casa em casa pregando. Como também dirigindo estudo. Que é pessoas que tem mais interesse, a gente vai na casa da pessoa no horário que ela pode. Dentro do tempo que ela pode. E faz um estudo junto com ela ali pra ela entender a bíblia (Entrevista com a Sra. Dayane Freitas)

Não se faz distinção em relação à participação das mulheres na igreja das testemunhas de Jeová no ministério de pregação, independente da hierarquia, sejam elas apenas estudantes ou irmãs batizadas. Segundo Dayane existe um versículo em Salmos que menciona as mulheres como um grande exército, e isso mostra o poder e da força que elas têm quando se unem para espalhar as boas novas. Esse trabalho que as testemunhas tem diariamente de visitar as pessoas em suas casas e oferecer estudos bíblicos personalizados é uma abordagem eficaz e carinhosa que demonstra o compromisso em ajudar os outros a entenderem a palavra de Deus.

Hoje, atualmente, a mulher se destaca porque, por exemplo, antigamente não existia pastor e pastora. Era o pastor, e a esposa do pastor era uma irmã como as outras, né? Hoje, não, tem pastor e pastora. A pastora, ela pode chegar lá, ela pode dirigir o culto, ela pode ensinar, ela pode entregar a mensagem no final, ela pode dar as bênçãos apostólicas. Então, as mulheres

têm conquistado um espaço maior dentro da Igreja, sim. (Entrevista com a Sra. Ruthe Cabral)

A mudança de perspectiva da participação feminina na nomenclatura pastor/pastora reflete uma evolução nas interpretações teológicas, sociais e culturais. Segundo Coutinho (2020 p.01) “estamos vivendo um tempo de grandes mudanças sociais, também as igrejas são afetadas por essas transformações, passamos por um grande momento, uma época marcada pela efervescência religiosa”. Por muito tempo, não se dava o título de pastora á mulheres, mesmo se ela fosse esposa de um pastor, isso ocorria, por conta da interpretação fundamentalista de textos bíblicos que fortalecem ideias patriarcais, enraizadas na cultura machista (Coutinho, 2020, p. 06). Com o passar do tempo, as igrejas mais progressistas começaram a ordenar mulheres e a encorajá-las a assumir papéis de liderança, o que ajudou a legitimar a presença de mulheres no ministério pastoral.

Com o aumento do número das líderes em várias denominações, mais pessoas passaram a ver a liderança feminina como uma norma aceitável e positiva.

Há mudanças importantes, as mulheres estão conquistando lugares de fala e de atuação. As mudanças estão cada vez mais visíveis, com a entrada das mulheres no mundo do trabalho e nas suas conquistas de direitos. É certo que com acesso à educação de qualidade o povo brasileiro, assim como os/as Assembleianos/as podem a vir a mudar radicalmente de ideia sobre as conquistas de direitos de gênero, influenciando também pastores e lideranças. (Coutinho, 2020, p 13)

Esses fatores, entre outros, contribuíram para a mudança na percepção e no papel das mulheres no ministério, permitindo que elas sejam reconhecidas como pastoras e líderes dentro da igreja. Essa evolução reflete um maior entendimento da diversidade e do papel que todos os indivíduos, independentemente do gênero, podem desempenhar na comunidade de fé. Observando a fala de depoentes de outras denominações, percebeu-se que existem movimentos diferenciados em cada uma delas. A fala a seguir é exemplar nesse sentido:

Assim, nós da congregação, nós mulheres, né, a gente não tem total liberdade. Lá, assim, é meio restrito, né. [...] as mudanças, assim, para nós mulheres lá não é muita. A gente não tem muita aquela total liberdade. O que a gente pode, como, tocar na igreja, tocar no órgão, né, a gente tem essa liberdade. É agradecer a Deus por tudo que o Senhor tem feito na nossa vida, que a gente levanta lá na frente, tem essa liberdade. Isso que é o mesmo que contar testemunho. A gente também tem liberdade como jovem. Eu já no caso não depois que me casei, mas antes eu fui auxiliar de jovem, que é auxiliar aquelas crianças, aquelas meninhas crianças, entendeu, para recitar salmo. A gente tem essa liberdade. E fazer a limpeza da igreja. Mas assim, para estar pregando, para estar levantando na frente, para estar pregando, na

parte de dança, na congregação, na verdade, ela não tem, não existe. E assim, como eu mesmo, no caso, sou chefe de cozinha, auxilio as irmãs na cozinha, que é tipo uma líder lá na cozinha. Essa parte, assim, sabe, mas a gente não tem aquela liberdade, total liberdade, porque tem várias religiões e cada uma tem a sua doutrina, né. Que nem a nossa, já é mais rígida, ela é uma doutrina mais rígida. Ai já tem outra, aquela religião que permite, né, que as mulheres levantam, pregam, e essas coisas, tem pastoras [...]. Que a gente vai muito, que está na Bíblia [...] então assim, a gente segue muito pela Bíblia, pelo que está na Bíblia. (Entrevista com a Sra. Izabel Passos)

Podemos constatar através da fala da depoente que dentro da Congregação Cristã do Brasil as mulheres possuem uma tradição mais conservadora e rígida comparada as outras doutrinas, pois tem princípios que, de certa forma, restringem a participação delas em determinadas atividades e cargos de liderança. Os membros dessa denominação mantêm uma visão onde as mulheres devem desempenhar suas funções na igreja somente a partir de atividades mais básicas que ensejam o zelo e o cuidado como, a limpeza do templo, dos afazeres da cozinha, ou ainda tocando instrumentos musicais. Para justificar essa forma de divisão de responsabilidades, eles utilizam a bíblia, pois seguem, de forma literal, o que nela está escrito. Podemos destacar como texto base a passagem de 1 Coríntios 14:34-35 que diz: “As vossas mulheres estejam caladas nas igrejas; porque não lhes é permitido falar, mas estejam sujeitas, como também ordena a lei. E se querem aprender alguma coisa, interroguem em casa seu próprio marido; porque é indecente que as mulheres falem na igreja”. Essa interpretação leva à ideia de que o papel da mulher deve ser mais voltado para as atividades de apoio como cuidado da família e a participação em funções auxiliares, ao em vez de assumir papéis de liderança pastoral ou ministerial.

## **5. Modos de vida das mulheres evangélicas**

No modo de vida da mulher cristã, um debate importante a ser discutido é a questão da submissão, que é um tema que gera ampla discussão e reflexão. Na análise das narrativas, elas sugerem que a submissão aos seus maridos é uma forma de manter a ordem e a estrutura da sua família, dando o total cargo de liderança ao homem. Existem diversos textos na bíblia que mencionam a submissão da mulher ao marido como em Efésios 5:22-23 “Vós, mulheres, sujeitai-vos a vosso próprio marido, como ao Senhor; Porque o marido é a cabeça da mulher, como também Cristo, a cabeça da igreja; e ele é o salvador do corpo”. Dentro desse contexto elas entendem que isso faz parte de sua fé e obediência a Deus.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS  
LICENCIATURA EM HISTÓRIA MEDIADO POR TECNOLOGIA

A gente tem que ser submissa ao homem, né? Mas não também, tipo, o homem nos massacrar, nos pisar, nem nada, não é isso. O que Deus quis dizer [...] dizer dentro da doutrina, dentro da obra, no caso, quem tem que levantar, pregar, fazer suas coisas, tem que ser o homem, o varão, no caso, e as varoas, que é nós mulheres. (Entrevista com a Sra. Izabel Passos)

Muitas das vezes, a sociedade oferece certa resistência em compreender a decisão de algumas mulheres em seguir as doutrinas da sua religião, principalmente no que diz respeito à sua submissão aos seus maridos. Porém, elas não enxergam essa prática como algo negativo, ou alguma forma de opressão, pelo contrário. Elas veem como uma forma de aliviar o peso e a responsabilidade de manter o lar, ficando com os homens a parte considerada mais difícil e pesada da relação. Elas se orgulham do papel que possuem e sentem que estão cumprindo um trabalho de extrema importância dentro da sua família. Ser submissa para elas não significa ser inferior ou “baixar a cabeça”, mas sim desempenhar esse papel de complementar a relação, se sentindo também protegidas e amparadas por seus respectivos maridos.

É importante compreender e respeitar a escolha de cada mulher em seguir a sua crença e a sua maneira de viver de forma a reconhecer seu protagonismo nesse processo. O importante é elas se sentirem felizes e realizadas com suas decisões mesmo que isso pareça incompreensível para algumas pessoas, a final, uma das premissas do feminismo é a autodeterminação das mulheres em suas escolhas de vida, sem excluir também o seu direito de escolha no âmbito religioso como consta no artigo 18º da Declaração Universal dos Direitos Humanos:

Toda a pessoa tem direito à liberdade de pensamento, de consciência e de religião; este direito implica a liberdade de mudar de religião ou de convicção, assim como a liberdade de manifestar a religião ou convicção, sozinho ou em comum, tanto em público como em privado, pelo ensino, pela prática, pelo culto e pelos ritos (ONU, 1948).

Podemos relacionar essa questão da submissão, que é vista por muitos como algo negativo, embora seja um total escolha delas, com as mulheres muçulmanas e o uso do véu islâmico (hijab). Na sociedade ocidental, é comum as pessoas acharem que o véu usado por uma muçumana é um símbolo de opressão e controle sobre a mulher. No entanto, essa visão ignora completamente a complexidade das experiências que uma muçulmana e os seus fatores religiosos, culturais e pessoais influenciam na sua escolha de usar o hijab. Para elas o uso do véu é uma expressão de fé e identidade e não apenas uma obrigação religiosa, mas também como uma forma de se conectar com a comunidade islâmica e suas tradições.

Através dos olhares de mulheres muçulmanas, compreende-se que o uso do véu é símbolo de empoderamento, não sendo utilizado como algo depreciador ao gênero feminino. O uso das vestimentas é a identidade cultural dos seus grupos sociais. Nesse contexto, a autora Fatema Mernissi afirma em seus escritos que o uso da vestimenta possui três dimensões, sendo estas: a visual, a espacial e a ética (Pacheco, 2016, p.04)

Ambos os grupos, tanto as mulheres que escolheram ser submissas, quanto as que usam o véu, podem enfrentar desafios semelhantes como preconceito ou mal-entendidos, o que pode levar a discussões sobre liberdade religiosa e direitos femininos, pois enquanto alguns veem como uma forma de expressar sua identidade, fé e estilo de vida, outras podem argumentar que essas práticas são opressivas. Porém a submissão e o uso do hijab são escolhas pessoais que refletem as crenças individuais, os valores e convicções de cada uma.

#### **6. Saúde da mulher cristã evangélica: cuidados do corpo, da alma em harmonia com a fé**

Outro aspecto que despertou curiosidade durante a pesquisa, foi a questão da saúde da mulher evangélica. Isso fica expresso na narrativa de uma das depoentes quando relata que no passado muitas mulheres enfrentaram diversos obstáculos em relação à sua saúde sexual e reprodutiva. Esse comportamento é atribuído a doutrina cristã que frequentemente enfatizava a castidade e a procriação dentro do casamento, o que poderia levar à desinformação sobre sexualidade e saúde íntima. Isso resultou em um tabu em torno do tema, dificultando o acesso das mulheres a informações e cuidados adequados.

Até os dias atuais a Igreja mantém seus hábitos e influência economia, política, relações sociais e culturais, ao ponto que é instruído aos cidadãos, e aqui o enfoque nas mulheres. como se deve "usar o corpo" Segundo o dogma central cristão, o corpo é guardado para a procriação. Logo, a sexualidade, é reduzida a relação sexual. O toque no corpo procurando prazer e satisfação pessoal é tido como pecado mortal e moral. (Sabino, 2018, p.04)

Segundo o dogma central cristão, o corpo é guardado para a procriação. Logo, a sexualidade, é reduzida a relação sexual com fins reprodutivos. Assim as irmãs da época evitavam consultas com ginecologistas, pois acreditavam que se fizessem esses tipos de atendimento médico estariam cometendo pecado.

Sobre o modelo tradicional europeu cristão, ao qual nós brasileiros somos culturalmente inseridos, Foucault (1988) traz uma profunda discussão sobre como a Educação Sexual está relacionada com a repressão do sexo e o desenvolvimento capitalista. Desta forma, o medo, o pecado, a punição, a restrição da sexualidade humana à biologia, a construção do corpo para procriação, a dicotomia na criação de indivíduos de sexos opostos e a

demonização das práticas sexuais criam um cenário de avanços e retrocessos no cenário público e político. (Sabino, 2018, p.02)

E essa interpretação, pautada em uma perspectiva fundamentalista sobre a necessidade de manutenção da pureza do corpo, que levaram, segundo depoimento, a um episódio de câncer de útero em uma conhecida que se recusou a fazer seus exames de rotina.

Porque tinha mulher, na época que eu era adolescente, que eu me lembro, minha mãe contava do círculo de oração, que ela nem no médico ia, ou no ginecologista. Porque achava que era pecado. Aí teve uma até que ela pegou um câncer de útero, não tratou, nunca foi no médico, nunca tomou remédio, com vergonha do médico de ir lá fazer um exame, poder se tratar. Então, essa ignorância, entre aspas, das mulheres antigas, a gente vê que não é bom. Porque muitas mulheres morreram assim, doentes, por causa de falta de conhecimento e porque diziam que na Bíblia é pecado. Não, na bíblia não diz nada que é pecado para você ir no médico. Então, algumas mulheres aconteceram isso, na época lá da minha mãe. Mas, graças a Deus, que agora a gente se cuida e tem médico para tudo. E é isso, acho que evoluiu para muito melhor. (Entrevista com a Sra. Fabíola Duarte)

Com o passar dos anos, houve uma mudança significativa nesse cenário de tabu dentro do meio cristão em relação a saúde íntima feminina. Com o aumento do acesso à informação sobre bem-estar e sexualidade, muitas comunidades evangélicas começaram a revisar suas doutrinas e a compreender a importância da saúde como parte do cuidado integral que Deus deseja para seus filhos. Através do compartilhamento de relatos de experiências vividas por mulheres, testemunhos e exemplos elas puderam compreender que buscar por cuidados médicos não é um pecado e sim uma responsabilidade com seu corpo e que deve ser levado a sério.

A Igreja, não somente a Católica, possui um papel importante em ação solidária e tem participação efetiva no suprimento de necessidades básicas humanas. Neste viés, a saúde pública torna-se um dos alvos das religiões, inclusive da cristã. A ajuda ao próximo, enfrentamento de doenças e o bem-estar próprio e dos "irmãos", são preocupações da comunidade cristã como rede de apoio social. (Ferreira, et al., 2011).

A luta por uma melhor compreensão e aceitação da saúde sexual e reprodutiva dentro das comunidades religiosas apesar de ter mudado bastante, ainda é um processo contínuo, e é muito importante que as mulheres tenham sempre acesso à informação e ao suporte necessário para cuidar de sua saúde.

## **7. Estética e estereótipos da mulher evangélica**

A estética e os estereótipos associados às mulheres evangélicas pode ser uma discussão muito importante para o presente artigo, principalmente nos dias atuais onde a diversidade de estilos e comportamentos é cada vez mais valorizado. Este texto se propõe a explorar as nuances dessas estéticas, discutindo como as mulheres que seguem a fé evangélica são percebidas pela sociedade revelando as experiências femininas dentro desse universo.

#### **- Formas de vestir e agir**

Tradicionalmente a doutrina das comunidades evangélicas pregavam normas rígidas sobre como as mulheres deveriam se vestir e comportar em sociedade, sempre seguindo esse princípio da modéstia na vestimenta, evitando o uso de adornos, roupas curtas ou muito justas. Dessa forma, ela demonstra a sua moralidade perante as pessoas, colocando em primeiro lugar a sua identidade cristã e a intenção de viver segundo os princípios da fé e obediência a Deus.

Pudor e modéstia, conforme citados na escritura bíblica, estão para os evangélicos diretamente associados a decência e ao auto controle. Eles avaliam que o guarda-roupa da mulher cristã deve expressar uma declaração pública de sua motivação pessoal e íntima de fé. E isso se traduz em evitar roupas e adornos que sejam extravagantes ou sexualmente atrativos. Modéstia, entre os nativos e aquilo que não causa escândalo, uma congruência de signos que permitem a outro olhar para a mulher evangélica e identificar que “ali vai uma pessoa cristã”. Imodéstia, então, seria muito mais do que usar uma saia curta ou um decote ousado: ela estaria expressa no ato de chamar atenção e própria para si, em pretensões desconexas aos preconceitos bíblicos de guardar o corpo. (GONÇALO, 2016, p.13)

Esse cuidado na aparência é uma forma de transmitir a mensagem de que são seguidoras de Cristo, demonstrando sua humildade para a sociedade, afinal por que uma mulher cristã iria querer atrair atenção para si mesma? Essa escolha poderia ser vista como um desvio dos ensinamentos bíblicos que enfatizam a importância da humildade e do autocontrole. Essa busca pela modéstia, expressa pela necessidade de imprimir uma identidade da mulher cristã, pode ser o fator que leva à construção do estereótipo da “crente de saia longa”. Isso fica claro quando questionamos a indivíduos masculinos sobre qual o ideal que eles desenham a respeito da mulher evangélica. Para isso fizemos um questionamento, sem muito critério metodológico – apenas para título de mera informação superficial – a 10 homens sobre como eles pensam sobre o assunto. A resposta pode ser analisada a partir das narrativas desses voluntários a seguir:

A mulher evangélica...as vestimentas dela que já eu vi é saia né? saia assim comprida, vestido...uma blusa grande, sem decote (voluntário 01)

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS  
LICENCIATURA EM HISTÓRIA MEDIADO POR TECNOLOGIA

Deve se vestir adequadamente né, a pessoa evangélica ela tem que se vestir adequadamente, e tem o católico que se veste como quer, short bem curtinho legging... o evangélico não, tem que se vestir mais adequado né (voluntário 02)

Ela tem que andar com a “monstra” saiona ou de vestido (voluntário 03)

Ela não mostra o corpo dela, ela se guarda. (voluntário 04)

Eu imagino, a mulher evangélica ela é mais reservada, deve usar saia e uma vestimenta mais reservada. (voluntário 05)

Eu vejo que a mulher da igreja precisa demonstrar o seu recato né? Já que é da igreja, tem que andar assim não de qualquer jeito. (voluntário 06)

O marido que faz a sua mulher, ao lado de um grande homem sempre tem uma mulher, então ela deve ser ajudadora. Uma mulher sem um homem não é nada, e um homem sem uma mulher também não é nada, então ela deve ser virtuosa. (voluntário 07)

Uma mulher no século atual ela deve se vestir do jeito que ela achar melhor, mas voltando para o lado crítico da sociedade que é muito preconceituosa, onde a mulher evangélica ela tem que andar de saiona, ou de vestido. (voluntário 08)

Uma mulher evangélica o que eu imagino, é uma mulher que tem os seus princípios, a questão da vestimenta o que eu vejo, hoje em dia já ta muito normal usar qualquer roupa, mas no meu ponto de vista, como eu cresci, eu tenho 34 anos, o que eu vejo hoje é que a mulher evangélica deveria usar saia, uma vestimenta mais reservada né, uma saia grande e tal, mas não é mais dessa forma. (voluntário 09)

Ela precisa ser diferente das outras né, mostrar que ela é diferente...a gente ver que elas andam com a saia mais comprida e assim a gente já identifica que ela é evangélica. (voluntário 10)

Podemos observar através das respostas dos voluntários, como as pessoas possuem essa expectativa de que as evangélicas devem se vestir apenas com um padrão de roupa, principalmente aquele que cubra bem o seu corpo. Isso está enraizado nas tradições culturais e religiosas que valorizam certos padrões de comportamento. No entanto, é crucial lembrar que cada mulher tem o direito de expressar sua fé e identidade de maneira que a faça sentir-se confortável e autêntica, independente da roupa que usar, seja ela modesta ou não. A diversidade de pensamentos e estilos é rica e deve ser respeitada. Desconstruir esses estereótipos é permitir que as mulheres sejam vistas por suas qualidades e habilidades, e não apenas pela aparência.

Na época, digamos, da minha mãe. Ela me conta que o pastor da época, ele tinha, na Assembleia de Deus, um armário cheio de linha e agulha. Se a tua

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS  
LICENCIATURA EM HISTÓRIA MEDIADO POR TECNOLOGIA

saia estivesse acima do joelho, eles iam lá na salinha e baixa essa bainha, porque só entra na igreja se a saia estiver de acordo com o tamanho. (entrevista com a sra. Fabíola)

No passado, segundo relato da depoente o tamanho da saia das irmãs era algo ainda mais restrito e preocupante, levando os pastores a ter um armário com linha e agulha para colocar uma emenda na roupa caso estivesse considerada muito curta, tudo isso para que essa norma de vestimenta não fosse de nenhuma maneira descumprida. Essa ação de medir saias, embora considerada por muitos como extrema, é encarada por esses líderes como apenas uma maneira de garantir que a ordem e decência seja mantida dentro da igreja.

Os pastores antigos cobravam muito em relação a vestimenta, maquiagem, né? E brinco e tal. Então, quando eu era adolescente, eu nunca fui muito vaidosa em relação a um negócio assim. Mas eu tinha uma outra ideia, assim, ah, vou usar um batom. Aí meu pai dizia, mas você não é todo mundo. Você é a Assembleia de Deus. [...] Mas, com o tempo, a gente vai evoluindo e vendo que não é o pecado. Porque a gente fala assim, não existe o pecado, o pecadinho e o pecadão. Existe o pecado. Então, tudo é pecado se te faz mal também. Se tu sentes no teu coração. Não, tô errada. Eu não vou mais fazer isso porque não está agradando a Deus. [...], mas foi de ler a Bíblia, ler a palavra do Senhor e ver o que é certo e o que é errado. Então, eu procuro sempre, também, mostrar isso para os jovens, para as irmãs da igreja. (Entrevista com a sra. Fabíola)

Ao ouvir esse relato da depoente, a frase “você não é todo mundo, você é assembleia de Deus” chamou bastante atenção pois reflete uma expectativa de que a pessoa deve seguir padrões específicos devido à sua identidade religiosa. Essa afirmação pode ser interpretada de diferentes maneiras. Por um lado, pode ser vista como uma forma de fazer com que a pessoa entenda se orgulhe de sua fé e se destaque de forma positiva. Por outro lado, também pode transmitir uma pressão para que ela se conforme a normas que podem ser limitantes, restringindo sua liberdade de expressão e individualidade.

Olha, eu vejo assim. Com o crescimento da modernidade, tudo está [...] evoluindo, está se transformando. [...] As igrejas cresceram muito. Muitas igrejas, não só aqui em Nova Aripuanã, mas no estado, todo o país, e no mundo. Então, antes, era tipo assim... Havia uma imposição. Se tornou evangélico, tem que se adequar imediatamente às doutrinas, às regras da igreja. Hoje, já há uma certa flexibilidade. Ficou mais flexível. Os pastores ensinam a palavra de Deus e deixam a critério das pessoas receberem aquela palavra. Porque, hoje, a liderança não impõe mais como antigamente. (Entrevista com a sra. Ruthe Cabral)

A sociedade passa por diversas mudanças ao longo tempo, e dentro da igreja não teria como ser diferente. Nos últimos anos as pessoas começaram a abrir suas mentes dando

abertura a um processo de reflexão sobre a vestimenta feminina. Como dito anteriormente, as denominações religiosas tradicionalmente impuseram diversas regras de como se vestir, associando a vestimenta a conceitos de moralidade e pecado, no entanto um número crescente de líderes de congregações vem demonstrando uma mudança de mentalidade, se baseando na ideia de que o que importa é a atitude do coração e a sinceridade da fé, e não a aparência exterior. Muitas pessoas na igreja têm reconhecido que o verdadeiro valor da espiritualidade vai além da vestimenta. A ênfase está, agora, em cultivar uma relação pessoal com Deus e em viver os ensinamentos de amor, respeito e aceitação, sem impor ao membro uma regra para ser cumprida de forma rígida, deixando a critério da pessoa se vestir conforme a sua vontade.

### **8. Considerações finais ou conclusão**

Uma das principais conclusões foi que muitas mulheres evangélicas estão, de fato, afirmando seu lugar de liderança e destaque dentro de suas denominações. Elas têm se capacitado e ocupado espaços que antes eram predominantemente masculinos. Por outro lado, a pesquisa também revelou que existem mulheres de outras denominações que, apesar de não ocuparem papéis de liderança, encontram satisfação e realização em suas funções e no seu papel dentro da igreja. Essas mulheres demonstram que a felicidade e a plenitude na vida de fé não estão necessariamente atreladas à liderança formal, mas sim ao envolvimento e à contribuição que fazem em suas comunidades. Isso destaca a importância de reconhecer diferentes maneiras de participação na vida e na espiritualidade evangélica.

Em suma, a análise do papel e postura das mulheres evangélicas revela um cenário dinâmico e em evolução, onde muitas estão conquistando seu espaço, enquanto outras encontram alegria em papéis não necessariamente de liderança. Essa diversidade é essencial para a construção de uma igreja mais inclusiva e representativa, onde todas as vozes são ouvidas e valorizadas.

### **9. Referências**

- BARBOSA, CAMPOS; **DIÁLOGOS SOBRE O USO DO VÉU (HIJAB): EMPODERAMENTO, IDENTIDADE E RELIGIOSIDADE**, Perspectivas, São Paulo, v. 43, p. 183-198, jan./jun. 2013
- CAPELLINI, ANA CAROLINA, **CORPO E RELIGIÃO: MARCAS DA EDUCAÇÃO EVANGÉLICA NO CORPO FEMININO**, Campinas - São Paulo, p. 1-17, dezembro/2007.

COUTINHO, MARIA S. **A ATUAÇÃO DAS MULHERES NA IGREJA EVANGÉLICA ASSEMBLEIA DE DEUS**, Faculdade Unida de Vitória/ES, p. 1-16, 2020 Disponível em: <<http://bdtd.faculdadeunida.com.br:8080/jspui/bitstream/prefix/530/1/TCC%20-%20Marcia%20Coutinho.pdf>>. Acesso em: 18 nov. 2024.

FONSECA, ANDRE; NASCIMENTO, MARCIELE . **RELAÇÕES DE GÊNERO E CULTURA RELIGIOSA: UM ESTUDO COMPARADO SOBRE A ATUAÇÃO FEMININA NA IGREJA EVANGÉLICA LUTERANA DO BRASIL E ASSEMBLÉIA DE DEUS**. Rio de Janeiro, Universidade Federal da Grande Dourados (PPGH/UFGD) 4-1: 6-41, 2010.

GONÇALO, Rita. **Moda Church – Performances e produções estéticas do vestir feminino em igrejas evangélicas cariocas**, Rio de Janeiro, Mosaico, Vol. 7, p. 6, 2016

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Fabíola. **História Oral: como fazer, como pensar**. 2. ed., 4 a reimpressão. - São Paulo: Contexto, 2015

PERROT, MICHELLE. **DOSSIÊ: "História das Mulheres no Ocidente", ESCREVER UMA HISTÓRIA DAS MULHERES: relato de uma experiência**. UNICAMP, p 9-28, maio/1994.

PERROT, MICHELLE. **Minha história das mulheres**, [tradução Angela M. S. Côrrea]. — São Paulo : Contexto, 2007.

POLLAK, Michael. **Memória e Identidade Social**. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212

PORTINELI, Alessandro. **História Oral e Poder**, Roma, Universidade La Sapienza, Mnemosine, Vol.6, nº2, p. 2-13, 2010

SOUZA, Giovanna. **DIREITOS HUMANOS E CULTURA: A FRAGILIDADE DO DISCURSO UNIVERSALISTA NO CONTEXTO FRANCÊS**. *Rev. Sem Aspas*, Araraquara, v.7, n.2, p. 249-258, jul./dez., 2018.

SOUZA, Sabrina. **UNIVERSALISMO E RELATIVISMO: UM ESTUDO A PARTIR DA VESTIMENTA DAS MULHERES MUÇULMANAS**. *Revista de Direito Internacional e Direitos Humanos pela UFRJ*, Vol. 9. 2020. p. 157

TEIXEIRA; SANDRA, ARAÚJO, CARLOS. **CORPO FEMININO E SAÚDE DA MULHER: PROMOÇÃO DA SAÚDE NO CENÁRIO RELIGIOSO**. UEG – CCET, Campus Anápolis de Ciências Exatas e Tecnológicas Henrique Santillo, Anápolis-GO, p 1-9, 2018 Disponível em: <<https://7seminario.furg.br/images/arquivo/348.pdf>>. Acesso em: 18 nov. 2024.